

O PAPAI DE ALÊ, ou o olhar sensível e algumas formas de criar cultura da infância

Por María Emilia López

Foi em uma quarta-feira de agosto do ano passado, por volta das 10 da manhã. Como em todas as quartas-feiras, chegaram, ao Jardim de Infância, os alimentos que encomendamos ao supermercado. Sempre vem um senhor amável, de uns 40 anos de idade, com dois carrinhos de compra cheios. Desta vez o pedido era maior, por isso o acompanhou o motorista da caminhonete, que realiza as entregas. Eu estava na sala da direção, os vi passar e me aproximei da janela. Um grupo de bebês estava brincando com sua professora no pátio coberto, ligado à cozinha, por isso, o senhor, que vinha pela primeira vez e que, de agora em diante, o chamaremos de "o Papai de Alê", cruzou, no caminho, com esse grupo de crianças e com sua professora.

O habitual é que, logo que os alimentos são descarregados na cozinha, o "Senhor do Supermercado" vá até a sala da direção para acertarmos a compra. De repente me dei conta de que ele estava demorando muito, e novamente olhei pela janela. Vi o Papai de Alê apoiado em um carrinho vazio, olhando hipnotizado para os bebês que brincavam. Me aproximei dele e fiquei como enfeitiçada, presa ao seu olhar, que se dirigia aos bebês e a sua professora. Perguntei a ele o que estava observando, e me respondeu:

- *Estou vendo como fazem para calá-los.*
- *Para calá-los? Perguntei.*

Sim, eu tenho um bebê de sete meses e minha mulher já não sabe o que fazer para calá-lo. Chora o dia todo, não sabemos o que fazer com ele.

Fiquei surpresa. Não sabia transmitir a intensidade com queaquele

homem de olhos celestes tão claros, pele tão castigada e curtida pela vida, olhava os gestos, jogos, trocas amorosas e agitadas entre os bebês e sua professora. Li, ou melhor, intuí na expressão "calá-lo" algo distinto ao simples cansaço. Não se dedica esse tempo e essa ternura dos olhos para perguntar algo sobre um problema gerado por alguém que nos deixa fartos ou cansados...

Respondi que não se tratava de calá-los, que os bebês necessitam fazer barulho, brincar, gritar, moverem-se, às vezes chorar, porque ser bebê é muito difícil, não sabem falar, não podem fazer muitas coisas sozinhos e, nós adultos, às vezes, não os entendemos.

Perguntei como se chamava seu filho:

- *Alê, me disse.*

Então, rapidamente, pensei o que poderia oferecer ao Papai de Alê para que começasse a explorar, na sua casa, novos modos de estar com seu filho, ou como "calar" suas ansiedades de bebê por meio da brincadeira, do vínculo amoroso, da companhia, fazendo aumentar seu acervo comunicativo e imaginativo.



Ele e eu estávamos próximos de uma das bibliotecas do Jardim de Infância, a uns três ou quatro passos de lá. Me aproximei da biblioteca e peguei o primeiro livro que julguei adequado (tudo tinha que ser bem rápido porque seu companheiro o

estava esperando com os outros carrinhos vazios para continuar as entregas).

O livro era “Duerme negrito”, que recopila canções de ninar tradicionais, ilustrado por Paloma Valdivia. Mostrei-o e disse que podíamos presentear-lo com esse livro para ele ler com seu bebê.

Seus olhos celestes se arregalaram.

- *Para ler?! me perguntou.*

- *Sim, respondi. Também se pode cantar. Você conhece essa canção?*

Comecei a cantá-la. Escutou uns trechos e disse que achava que sua mulher cantava algo parecido, mas que ele não conhecia a canção. Então sugeri que inventasse uma cantiga. Contei a ele que os bebês adoram escutar as vozes dos seus pais, que esse é o melhor remédio quando estão zangados, e que além disso faz muito bem para a mente. Me agradeceu surpreso e, titubeando, tomou o livro em suas mãos, como se não tivesse entendido que podia levá-lo.

Então completou:

- *Mas ele vai morder, leva tudo à boca, vai rasgar o livro.*

- *Não importa, os livros dos bebês também são para comer, e este é para Alê. Ele pode fazer o que quiser com seu livro. Resumi.*

O papai de Alê foi embora. A cena não durou mais de cinco minutos, mas o tempo que ele observou os bebês talvez tenha sido um pouco maior. Fiquei pensando no que mais poderíamos oferecer-lhe. Foi assim que preparamos várias cópias de discos de canções infantis com a intenção de entregá-los na próxima visita.

Aconteceu que o transferiram para outro setor de entregas e não o vimos por um bom tempo. Resolvemos, então, enviar os discos pelo seu companheiro, que se mostrou muito disponível e até feliz.

Passaram-se várias semanas, talvez um mês, e o Papai de Alê voltou.

seria necessário que ele descesse da caminhonete, mas ali estava ele, com um sorriso proporcional ao tamanho e ao brilho dos seus olhos. Não o vi entrar, mas em algum momento Karina, nossa secretária, me disse que parecia que o “Senhor do supermercado” estava esperando algo, porque estava parado junto à porta. Saí, e ali estava ele, me esperando para me cumprimentar. Desta vez me deu um beijo estalado, sentido, amoroso, agradecido, e me contou que Alê havia adorado o livro, que cantavam para ele muitas canções, e que havia conversado com sua mulher sobre todos os objetos “estranhos” que os bebês tinham para brincar, como garrafinhas cheias de arroz, feijão ou papeizinhos coloridos. Me disse também que havia construído muitos brinquedos, e que sua mulher estava um pouco enciumada por ele ter feito coisas para Alê. Ela também queria fazer-lhe brinquedos. Por isso, estava olhando com muita atenção as garrafinhas, para contar a ela como se fazia e para que, dessa maneira, a mamãe também participasse. Peguei uma das garrafas que estavam sendo usadas pelos bebês e dei a ele, dei também um cubo feito com uma caixa em que foram coladas ilustrações de livros infantis, ideal para fazer torres, que o havia atraído especialmente.

Dali em diante, toda vez que o Papai de Alê vem, me procura para me cumprimentar, contar coisas e me dar um beijo estalado. Destaco o beijo, que é um símbolo de intimidade, e que muito raramente ocorre entre uma diretora de um Jardim e um desconhecido senhor que entrega as compras do supermercado. Foi ele quem inaugurou esse modo de nos cumprimentarmos, e me emocionou enormemente. Eu também fico esperando que o Papai de Alê venha para que eu o cumprimente, para perguntar-lhe por Alê, pela sua mulher, pelas novas descobertas que faz com seu bebê.

Quando compartilhei esta situação com a equipe do Jardim todas se comoveram. Dali em diante, ficamos atentas às necessidades do Papai de Alê. Relatei essa situação e falei sobre ela durante semanas, porque me encheu de ideias, perguntas, expectativas e esperanças.

Sensibilidade para “ver”, riqueza para “oferecer”

O Papai de Alê foi fisgado por uma situação de brincadeira entre os bebês e sua professora. O que ele viu ali? Provavelmente muitas dessas qualidades de vínculo inicial que enfatizamos em nosso Jardim: a escuta e o olhar atento da professora para os bebês, sua disponibilidade psíquica, lúdica e corporal. Como consequência, um intercâmbio comunicacional entre os bebês e sua professora repleto de ternura, interessante, rico, variado, divertido. Viu brinquedos raros para as representações mais comuns sobre a primeira infância: caixas de papelão, chocalhos de material reciclado, chocalhos de sementes, livros. Viu brincadeiras espontâneas, improvisadas, que seguiam o roteiro que os bebês propunham: esconde-esconde, sacudidas de objetos, escalção do corpo da professora, engatinhar e fazer cosquinhas, leitura e canções. Viu os bebês com muita iniciativa, concentrados em brincar, que não choravam nem demandavam demais, curiosos, ativos. Viu uma professora que sustentava esse delicado equilíbrio, que sabia como “calá-los”, mas sem barrar suas iniciativas ou necessidades, e sim, como disse acima, acalmando a ansiedade própria dos bebês, preenchendo esse espaço de separação que eles vão ensaiando com cantos, jogos, palavras, disponibilidade de vínculo; “criando” no espaço transicional, nesse lugar em construção entre o mundo interno e o mundo externo, onde podem crescer as fantasias e se aprende a “ser” por meio de um “fazer” próprio, mediado pelo afeto e pela boa companhia dos adultos de referência, que proveem segurança para a liberdade.

O que vejo no Papai de Alê?

A riqueza desta experiência não veio unicamente do Jardim. Tão vital quanto isso foi a atitude do Papai de Alê. Vejo um homem de escassos recursos econômicos, com um trabalho mecânico (e precário) que não convida à criatividade. Vejo um rosto com sofrimento e desgaste do viver. Mas, para além disso, vejo um homem sensível, que tem a capacidade de amar seu filho, que se preocupa com ele, mas que não conhece quase nada sobre bebês, e entre seus recursos pessoais não aparecem aqueles tão básicos como brincar ou cantar. Vejo a capacidade de observação, amor pela vida que emerge, porosidade para deixar-se atravessar pelos outros,

necessidade de compartilhar, abertura para receber.

Vejo ainda a potência de uma intervenção cultural, que pode ser mínima se tomarmos como referência a quantidade de público que afeta, mas que é máxima, se considerarmos sua capacidade de modificar Alê e sua família.

Vejo a necessidade de estar atenta, de não deixar passar as oportunidades de encontro, que muitas vezes são como essa: aleatórias, fugazes, “fora de contexto”.

Vejo o valor da improvisação, e sobretudo, a importância de jogar tanto com o micro quanto com o macro, isto é, tanto com os projetos que abarcam uma grande população quanto com aqueles que agem no interior de uma pessoa, talvez apenas uma pessoa, um só adulto ou uma só criança.

Vejo a necessidade de continuar abrindo caminhos para que muitos adultos possam visitar esse lugar em que vivem as crianças, e dali acompanhá-las a sonhar, a crescer, a aprender, a ser.

Buenos Aires, março de 2016.

Jardín maternal - Facultad de Derecho – Universidad de Buenos Aires

Tradução: Aida Bethônico e Mônica Correia Baptista
Programa Bebeteca. Grupo Leitura e Escrita na Primeira Infância - LEPL
Faculdade de Educação - UFMG